

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MARILIA GABRIELA DA SILVA

**HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE UMA PROFESSORA EM CONTEXTO
DE INTERAÇÃO COM CRIANÇAS EM TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

JOÃO PESSOA- PB

2014

MARILIA GABRIELA DA SILVA

**HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE UMA PROFESSORA EM CONTEXTO
DE INTERAÇÃO COM CRIANÇAS EM TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao
Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador:
Prof. Dr. Fernando César Bezerra de Andrade

JOÃO PESSOA- PB

2014

S586h Silva, Marília Gabriela da.

Habilidades sociais educativas de uma professora em contexto de interação com crianças em turma de educação infantil / Marília Gabriela da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2014.
40f.

Orientador: Fernando César Bezerra de Andrade
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Habilidades sociais educativas. 2. Conduta docente. 3. Interação professor-aluno. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.064.2 (043.2)

**HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE UMA PROFESSORA EM CONTEXTO
DE INTERAÇÃO COM CRIANÇAS EM TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 17 de março de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Carmen Sevilla Gonçalves dos Santos (UFPB)

Prof.^a Dr.^a Sandra Alves da Silva Santiago (UFPB)

Prof. Dr. Fernando César Bezerra de Andrade (orientador)

Àquela que é a Luz da minha vida, minha mãe,
Luz Marina Silva: amo-te e a ti dedico não só
este trabalho, mas toda minha vida e meu
amor.

AGRADECIMENTOS

Louvo e agradeço a Deus, por ter sido o meu ânimo e meu sustento nos momentos difíceis, e por derramar sobre a minha vida a sabedoria necessária para enfrentar essa caminhada; eu não sou merecedora de todas essas graças, porém o Senhor, com sua infinita misericórdia, me amparou, me acolheu e me ajudou a chegar ao fim desta etapa: sou extremamente grata por seu infinito amor.

À minha mãe, Luz Marina Silva, por todo carinho, amor e dedicação; sem ela, essa caminhada seria muito difícil, pois foram seus sorrisos e palavras que me motivaram a seguir em frente. Sua presença, confiança e força fizeram com que eu me esforçasse para concluir esta etapa. Sou muito grata por sua vida, por seus exemplos; a gratidão é tanta que me faltam palavras, só posso te dizer: muito obrigada por tudo.

À minha irmã, Marianna da Silva, por ter sido meu ombro amigo, meu exemplo e o complemento da minha vida, sem ela essa caminhada seria muito amarga.

Ao meu namorado, Sebastião Luiz da Silva Neto, meu melhor e mais fiel amigo. Foi com você que eu comemorei a aprovação no vestibular e é com você que eu comemoro o fim desta etapa: obrigada por sua companhia, seu amor, carinho e sua enorme paciência.

A minha família por acreditar em mim, e em especial a minha tia Kátia Maria Dias Silva, por seu carinho que vai além de ser tia, um carinho materno: obrigada por toda sua dedicação e por tudo que você fez e faz por mim. Aos meus avós, Cleudes Dias Silva e Leonardo Severino Silva, por me acolherem em seu lar e por fazer meus dias mais felizes.

As minhas amigas, antigas e novas, e em especial a Laissa Tuanny Gomes de Liz, por, mesmo de longe, ter sido meu ombro amigo: foi ela que me aconselhou e me ajudou nos momentos de dificuldade. A Érika de Souza Silva, Michelle Cristine Costa Fernandes, Rafaella Alves Delgado e a Sabrina Coutinho da Silva: foram elas que estiveram comigo nesta caminhada, e que tantas vezes escutaram meus medos, minhas lamentações, minhas inseguranças e mesmo assim não desistiram da minha amizade, obrigada por tudo.

Ao meu querido mestre, Fernando César Bezerra de Andrade, por todos os seus ensinamentos, pois foi com sua força, seus “carões”, seus *feedbacks*, seu carinho, que eu

consegui chegar onde estou. Obrigada por ter me ajudado na construção deste trabalho, sem seu auxílio seria muito difícil.

À professora Carmen Sevilla Gonçalves dos Santos, por ter sido uma professora exemplar, agradeço por todos os ensinamentos, por todos os *feedbacks*, sem eles, certamente eu não teria aprimorado a minha escrita. Muito obrigada por ter aceitado avaliar esse trabalho, sei que ele estará em excelentes mãos.

À professora Sandra Alves da Silva Santiago, por, com tanto carinho, ter me apresentado à área de aprofundamento em Educação Especial: foi através do seu profissionalismo e amor que eu pude me identificar com o campo. Obrigada por ser uma das avaliadoras, sei que cumprirá essa tarefa com êxito.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram direta e indiretamente com a minha caminhada e construção deste trabalho.

*“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos
não é senão uma gota de água no mar. Mas o
mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”*

Madre Tereza de Calcutá

SILVA, Marília Gabriela da. Habilidades Sociais Educativas de uma professora em contexto de interação com crianças em turma de educação infantil. João Pessoa: trabalho de conclusão de curso em licenciatura em Pedagogia, 2014.

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as habilidades sociais educativas de uma professora em contexto de interação com crianças em sua turma de educação infantil, particularmente, nos momentos de interações entre professor-aluno e aluno-aluno. Tais habilidades são analisadas a partir do modelo das habilidades sociais educativas docentes (HSE), tais como definidas por Del Prette e Del Prette (2008). Para isso foi necessário fazer uma breve revisão teórica a respeito das habilidades sociais (HS) e das HSE sobre o educador como o modelo para comportamentos hábeis socialmente. A coleta de dados foi feita através de observações da prática de uma educadora da Educação Infantil em uma creche na cidade de João Pessoa-PB e de uma entrevista semidirigida com a professora que colaborou como sujeito participante; as observações foram feitas com o auxílio de um diário de campo e a entrevista, com um roteiro de cinco questões, foi gravada em áudio e posteriormente transcrita e seu conteúdo analisado de acordo com a literatura mencionada, bem como conforme a teoria sobre análise de conteúdo (BARDIN, 1979). A análise dos dados obtidos revelou que a professora apresentou baixo índice de HSE, com raras aparições de condutas educacional e socialmente habilidosas nas interações observadas e com poucas referências indicativas das HSE no conteúdo da entrevista, aumentando as chances de que as crianças com que interagiu na sala de aula não desenvolvessem HS por falta de um adulto modelo de HS. Nas considerações finais, destaca-se a importância de que docentes em geral e os da Educação Infantil, em particular, desenvolvam HSE em sua formação profissional, para que possam servir como modelo de conduta socialmente habilidosa desde a tenra infância.

Palavras-chave: Habilidades Sociais Educativas. Conduta docente. Interação professora-aluno. Habilidades Sociais na Infância. Educação Infantil.

SILVA, Marília Gabriela da. Habilidades Sociais Educativas de uma professora em contexto de interação com crianças em turma de educação infantil. João Pessoa: trabalho de conclusão de curso em licenciatura em Pedagogia, 2014.

ABSTRACT: This research has as main objective to analyze the Educative Social Skills shown by an Elementary School teacher on the development of social skills in childhood (HS), in a nursery, during moments of interactions between teacher-students and students-students. Her behavior is analyzed from the Educative Social Skills (HSE) theoretical perspective (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008). This required making a brief theoretical review about social skills and the HSE, as well as about the teaching model to socially skilled behaviors, previously to the discussion of the results. The data were collected through observation of some classes given by a teacher of a nursery at João Pessoa-PB and through a semistructured interview with that teacher; observations were registered with the aid of a field diary and the interview was audio recorded and later transcribed and analyzed according to the literature about HSE and the analysis of content (BARDIN, 1979). The data analysis revealed that the teacher showed deficits in HSE, with rare moments of HSE in observed interactions with the students. The content of the interview confirmed that finding, with few references indicative of HSE, increasing the chances that children in her classroom did not develop HS for lack of a HS modeling adult. In closing remarks, the importance of developing HSE in teachers' training, so that they became apt to serve as models for socially skillful conducts since early childhood.

Keywords: Educative Social Skills. Teaching behavior. Interaction teacher student. Social Skills in Childhood. Children education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	TEORIA DAS HABILIDADES SOCIAIS	13
3	AS HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS	16
4	O(A) EDUCADOR(A) COMO MODELO DE HABILIDADES SOCIAIS NA ESCOLA	19
5	ESTUDO SOBRE O PAPEL DOCENTE NA FORMAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA EM CRECHE PÚBLICA	21
5.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
6.1	OBSERVAÇÃO DAS VISITAS A CAMPO	23
6.2	ANÁLISE DA ENTREVISTA	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
7	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE	36
	Roteiro para Entrevista com a Professora	37
	ANEXO	38
	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE	39

1 INTRODUÇÃO

As habilidades sociais podem ser entendidas como capacidades em lidar de forma adequada no ambiente social e na interação com o outro, tornando-se um ponto de fundamental importância para o desenvolvimento pessoal; neste sentido, faz-se necessário pesquisar sobre como essa temática está inserida nas escolas de Educação Infantil, pois, segundo Del Prette e Del Prette (1999), a infância é o momento mais importante para a construção do repertório de habilidades sociais: neste período o comportamento social ocorrerá por influências dos comportamentos dos adultos envolvidos com a criança. Por sua vez, a Educação Infantil, segundo a Lei de Diretrizes e Bases (nº 9.394/96)¹ é responsável pelo desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social.

Tendo em vista a importância do tema, esta pesquisa analisou a influência da conduta docente sobre o desenvolvimento de habilidades sociais na infância em atividades pedagógicas numa sala de aula de uma creche pública em João Pessoa, através delas foram observados como se desenvolvem as habilidades sociais na infância, pelo processo de escolarização formal.

Tais habilidades contribuirão positivamente para o processo de socialização da infantil, tendo em vista que, ao ter habilidades sociais, a criança se posicionará de maneira assertiva diante das relações interpessoais, garantindo uma afirmação dos seus direitos sem prejudicar o do outro, ocasionando uma manutenção ou melhoria das relações interpessoais. Assim, a postura docente e as suas habilidades sociais educativas são de fundamental importância para que esse processo ocorra de forma satisfatória.

Com isso, este estudo teve como objetivo geral analisar, pelo modelo das habilidades sociais educativas (HSE), a influência que a conduta de uma docente exercia na promoção das habilidades sociais na infância de discentes sob seus cuidados em uma creche pública em João Pessoa, nos momentos de interações entre professor-aluno e aluno-aluno.

Para isso foi observado como a professora dessa sala contribuía para o desenvolvimento das habilidades sociais na infância de seus discentes em interação com eles, identificando quais as habilidades sociais educativas estavam presentes na prática da professora e fazendo uma relação entre as habilidades sociais educativas docentes que a

¹ Atualizada pela redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013.

professora da creche apresentou atividades potencialmente capazes de promover o desenvolvimento de habilidades sociais na infância e a teoria estudada.

O estudo foi organizado em duas partes, a primeira destinada a conhecer mais sobre a Teoria das Habilidades Sociais, as Habilidades Sociais Educativas, e o educador como modelo de habilidades sociais na escola, criando condições para a formação de habilidades sociais na infância. A segunda, destinada para uma pesquisa sobre a influência da conduta de uma docente na promoção de Habilidades Sociais Infantis em uma creche pública, localizada na cidade de João Pessoa-PB. E por fim, as considerações finais, que buscaram relatar, de forma sucinta, como ocorreu o tempo de pesquisa e quais os resultados alcançados, insistindo na importância da inclusão de habilidades sociais educativas no currículo da formação inicial e continuada de educadores, especialmente os da educação infantil.

2 TEORIA DAS HABILIDADES SOCIAIS

Habilidades sociais, desempenho social e competência social são termos distintos que se complementam e servem de suporte para entender a teoria das habilidades sociais. Podemos entender que as “habilidades sociais referem-se à existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, p.31), são capacidades de lidar de forma adequada com o ambiente social e na interação com o outro; já o desempenho social pode ser compreendido como uma sequência de comportamentos em qualquer circunstância; e a competência social “tem um sentido avaliativo que remete aos efeitos do desempenho social” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, p.31), ou seja, a competência social refere-se à capacidade do indivíduo organizar e sistematizar as habilidades sociais a fim de ter um desempenho social satisfatório.

Nesse sentido, houve a necessidade de criar “um campo de investigação e aplicação do conhecimento psicológico sobre o desempenho social” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999, p.24), fazendo com que o campo das habilidades sociais tivesse mais visibilidade.

As demandas sociais são complexas e variam de acordo com o contexto situacional e cultural, determinando assim as habilidades sociais necessárias a serem utilizadas. Neste sentido, as habilidades sociais são divididas em sete classes, que estão interligadas; porém, foram assim separadas em detrimento de suas funcionalidades.

As classes são: Autonitoria, habilidades sociais de comunicação, habilidades sociais de civilidade, habilidades sociais assertivas: direito e cidadania, habilidades sociais empáticas, habilidades sociais de expressão de sentimentos positivos e habilidades sociais de trabalho.

Podemos entender, segundo Del Prette e Del Prette, “o automonitoramento como uma habilidade metacognitiva e afetivo-comportamental pela qual a pessoa observa, descreve, interpreta e regula seus pensamentos, sentimentos e comportamentos em situações sociais.” (2001, p.62), é a capacidade de controlar seus impulsos a fim de manter relações satisfatórias.

Sabendo que a comunicação é um mecanismo muito utilizado nas relações interpessoais, percebe-se a necessidade de uma ênfase nos processos que vão mediar essas relações; com isso dividem-se as habilidades sociais de comunicação em duas: verbais e não verbais; as verbais fazem referência ao ato da fala, o domínio linguístico e as normas sociais

de uso, por sua vez, as não verbais dizem respeito às mensagens emitidas através de gestos, posturas, expressões faciais e movimentos corporais.

As habilidades de civilidades referem-se aos desempenhos sociais adequados de acordo com a cultura e com o contexto em que o indivíduo está inserido. As habilidades sociais assertivas de enfrentamento, direito e cidadania, podem ser entendidas como habilidades de defesa dos seus direitos, sem infringir o direito do outro.

As habilidades sociais empáticas são exercidas geralmente no campo afetivo e dizem respeito às habilidades de compreender e se colocar no lugar do outro. As habilidades sociais de expressão de sentimentos positivos fazem referências às formas corretas de expressar os sentimentos, contribuindo para a manutenção das relações interpessoais.

Por fim, as habilidades sociais de trabalho, que podem ser entendidas, segundo Del Prette e Del Prette, como “aquelas que atendem às diferentes demandas interpessoais do ambiente de trabalho objetivando o cumprimento de metas, a preservação do bem-estar da equipe e o respeito aos direitos de cada um” (2001, p. 89). Ou seja, são as habilidades que ajudam a lidar com o ambiente de trabalho de forma adequada. Entre estas, estão as HSE vinculadas à docência, que mais adiante serão discutidas, pois segundo a teoria estudada, estas habilidades são indispensáveis para o exercício de qualquer agente educador.

O Treinamento em Habilidades Sociais (THS) é um conjunto de técnicas que se aplica para a resolução de déficits de natureza interpessoal, e as pesquisas realizadas mostram que pessoas competentes socialmente tendem a emitir comportamentos mais produtivos e satisfatórios, garantido boas relações interpessoais; divide-se em cinco modelos teóricos: assertividade, percepção social, aprendizagem social, cognição, teoria dos papéis. Esses modelos visam esclarecer a estrutura e funcionamento da dinâmica das habilidades sociais.

A assertividade diz respeito a forma adequada de lidar com as situações de ansiedade e de dificuldades de desempenho social, com isso, a o modelo conceitual de assertividade visa mudar o comportamento do outro de maneira a garantir uma aquisição, fortalecimento e manutenção dos comportamentos sociais.

Já o modelo de percepção social refere-se à forma que o indivíduo percebe e decodifica o ambiente social, “sentindo” o ambiente que está inserido e moldando seus comportamentos de acordo com as necessidades. Na aprendizagem social, as habilidades sociais são observadas através dos comportamentos sociais, servindo como um molde a ser seguido. O modelo cognitivo refere-se ao desempenho social mediado por ações cognitivas, no qual o é possível pensar e ajustar seu comportamento de acordo com o esperado. O modelo

da teoria dos papéis, diz respeito a uma clara percepção dos papéis assumidos na interação com o outro e com o ambiente.

Com isso, percebemos que esses modelos teóricos, irão servir como norte para uma eficaz relação interpessoal, pois podemos entender que as habilidades sociais são um conjunto de comportamentos apresentado pelos indivíduos, frente às relações vividas.

À vista da importância das habilidades sociais no desenvolvimento humano percebe-se que a escola deverá ser o local apropriado para a aprendizagem e o desenvolvimento de tais habilidades, pois possui semelhanças com o ambiente familiar e faz com que as crianças ampliem sua compreensão social, pois entrará em contato com contextos situacionais e culturais diferentes.

As atividades e os jogos contribuíram para o processo de aprendizagem das habilidades sociais, pois fazem com que haja uma compreensão dos indivíduos que compõem o ambiente, aprendizagem de regras, desenvolvem a competência social, fazendo com que o professor seja um modelo, pois ele irá propiciar ambientes adequados para tal aprendizagem.

3 AS HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS

Tendo em vista que as habilidades sociais geralmente estão ligadas ao contexto e a situação vivida, considerando os valores e regras do grupo em que o indivíduo está inserido, percebe-se que a ação educativa requer habilidades próprias para este processo, assim, o estudo sobre as HSE é de suma importância, pois estão intimamente ligadas ao processo de promoção de comportamentos hábeis socialmente.

As HSE estão ligadas aos agentes educacionais, sejam eles pais, professores e outros indivíduos envolvidos neste processo, com isso percebe-se que os pais ou responsáveis são os primeiros responsáveis, pois exercem uma função (função parental) “que desenvolve sistema de valores e normas que pune os desvios e recompensa o ajustamento da criança aos seus padrões” (Del Prette; Del Prette, 2008, p. 58), pois o contexto familiar será o responsável por estimular os padrões de relacionamento e competência social.

Então, os pais deverão estimular a promoção de um repertório socialmente competente dos filhos, para isso, segundo Del Prette e Del Prette (2008) são estabelecidas três alternativas: “(a) estabelecimento de regras por meio de orientações instruções e exortações; (b) manejo de consequências, por meio de recompensas e punição; (c) oferecimento de modelos” (p.59); isso se faz importante, pois a aprendizagem durante a infância ocorre de forma vicariante.

Neste sentido, segundo Del Prette e Del Prette (2008),

Quando o relacionamento dos pais com os filhos é sustentado por regras claras, com informações sobre as contingências em vigor para os comportamentos sociais e a criança percebe o monitoramento a que está sujeita, há maior probabilidade do desenvolvimento de relações saudáveis não apenas no âmbito familiar, mas, igualmente, em outros contextos (p.61).

No momento em que a criança começa a frequentar a escola as regras e valores mudam, pois haverá uma maior interação social, tendo em vista os diversos interlocutores existentes. Logo, de acordo com Del Prette e Del Prette (2008) “a escola possui um espaço essencialmente interativo e reconhecidamente relevante para o desenvolvimento interpessoal da criança” (p.62) sendo um espaço no qual as habilidades sociais serão aprendidas e/ou reforçadas, pois tem a função social de educar e formar o indivíduo.

Tendo em vista os inúmeros estudos sobre o tema, observa-se a presença de um sistema composto por classes e subclasses com habilidades necessárias para as tarefas educativas. Essas habilidades sociais educativas são definidas por Del Prette e Del Prette (2001) como “aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro, em situação formal ou informal” (p.95), são chamadas assim, pois pretendem promover mudanças no comportamento.

Atualmente o sistema de habilidades sociais educativas é composto por quatro classes que podem ser definidas de acordo com suas funções interativas; são elas: estabelecer contextos interativos potencialmente educativos; transmitir ou expor conteúdos sobre habilidades sociais; estabelecer limites e disciplinas e monitorar positivamente.

Estabelecer contextos interativos potencialmente educativos pode ser definido segundo Del Prette e Del Prette (2008), como “comportamento verbal ou não-verbal do educador que organiza material, contexto físico ou social para favorecer a interação educativa.”. Ou seja, haverá uma organização e identificação de um contexto potencialmente educativo, para isso há quatro subclasses: arranjar ambiente físico, organizar materiais, alterar distância/ proximidade, mediar interações.

A classe *transmitir ou expor conteúdos* sobre habilidades sociais é definida de acordo com Del Prette e Del Prette (2008) como:

Comportamento verbal ou não-verbal do educador, mediados (ou não) por recursos audiovisuais, que apresentam conteúdos de conhecimentos sobre habilidades sociais (informações, conceitos, histórias, dados, dentre outros) (p.523).

E é composta por onze subclasses: fazer pergunta de sondagem ou desafio; parafrasear; apresentar objetivos; estabelecer relações entre comportamento, antecedente e consequência; apresentar informação; apresentar modelo; resumir comportamentos emitidos; explorar recurso lúdico-educativo; apresentar instruções; apresentar dicas; utilizar atividade ou verbalização em curso para introduzir um tema; que irão enfatizar comportamentos desejáveis ou não, objetivando uma modelação do comportamento social dos educandos.

Ao definirem a classe *estabelecer limites e disciplina*, Del Prette e Del Prette (2008, p.525) dizem: “comportamentos verbais e/ou não verbais do educador que estabelece (justifica, explicita, solicita, indica, sugere) regras ou normas ou valores.” Essa classe é integrada por seis subclasses, são elas: descrever/justificar comportamentos desejáveis; descrever/justificar comportamentos indesejáveis; negociar regras; chamar a atenção para

normas pré-estabelecidas; pedir mudança de comportamento; interromper comportamento; essa classe é uma das mais valorizadas e importantes, pois, explicita normas, regras e valores do contexto social em que o indivíduo está inserido.

Monitorar positivamente é definido por Del Prette e Del Prette (2008), como:

Comportamento verbal e/ou não-verbal do educador apresentado na administração de contingências sobre o comportamento diretamente observável ou sobre comportamento relatado pelo educando. Na primeira condição envolve apresentar consequências reforçadoras para comportamentos sociais desejáveis imediatamente observáveis. Na segunda envolve estabelecer condições para maior acesso a comportamentos do educando (passados ou futuros) reunindo informações e/ou consequenciando relatos (p.526).

Essa classe é composta por onze subclasses: manifestar atenção a relato; obter informações; expressar concordância; apresentar *feedback* positivo; elogiar/ aprovar; incentivar; demonstrar empatia; remover evento aversivo; estabelece sequência de atividade (*Premack*); expressar discordância/reprovação; promover a autoavaliação. Esta classe envolverá comportamentos de atenção para os comportamentos emitidos pelos educandos.

Essas classes e subclasses são requeridas à medida que as interações sociais são ocorridas e elas atuam de forma conjunta. Essa divisão facilita a visualização das HSE presentes no dia a dia escolar, porém apresenta uma interdependência, em que uma influencia a outra.

Com isso evidencia-se que os educadores devem promover a aprendizagem e desenvolvimento dos seus alunos, contribuindo com essa promoção o professor e seu repertório de habilidades sociais educativas, com objetivos definidos que visam à mudança ou aperfeiçoamento da conduta comportamental dos educandos.

Sabe-se que há uma forte ligação entre as habilidades sociais educativas e as habilidades sociais na infância, pois neste momento da vida há uma contribuição efetiva para formação do desempenho social, mesmo entendendo que o desenvolvimento de tais habilidades ocorra durante todo o processo de vida, pois é algo que vai ampliando a partir da interação com o outro e com o ambiente.

Assim, percebe-se que o desenvolvimento social inicia-se com o nascimento humano e o repertório de habilidades sociais vai se tornando mais elaborado e complexo ao longo da infância, sendo este um momento de fundamental importância para a aprendizagem das habilidades sociais.

4 O (A) EDUCADOR (A) COMO MODELO DE HABILIDADES SOCIAIS NA ESCOLA

Andrade (2007) propõe um estudo sobre a competência inter-relacional, através dela o educador tem mais facilidade em gerir, prevenir e minimizar os conflitos em sala de aula e, portanto, contribuir para a diminuição da violência no setor educacional. Essa competência é definida pelo mesmo autor como saber conviver e ensinar a conviver. Desse modo, a um só tempo pessoal e profissional, ela supõe a constituição, mobilização e combinação criativa de habilidades tecnicocomportamentais, desiderativas, cognitivas, afetivas e sociocomunicacionais que garantem aos educadores um conhecimento teórico e técnico necessário ao enfrentamento da violência e ao ensino daquelas habilidades a seus alunos.

Com isso, a CIR é composta por cinco dimensões, sendo elas: desiderativa, afetiva, comportamental, cognitiva e social. Ela permite gerir de maneira mais eficaz os conflitos sociais na escola.

Para compreender a dimensão desiderativa, é necessário entender que nossas ações se fundamentam nos desejos, no nosso inconsciente, com isso percebe-se que são os desejos que motivam as condutas sejam elas eficazes ou não. Segundo Andrade (2007), os contextos intersubjetivos, os desejos conscientes e inconscientes irão interferir no modo de fazer, sentir, pensar e modificar as suas estratégias para aprender.

De acordo com Andrade (2007), a dimensão afetiva refere-se à capacidade de identificar, experimentar e expressar de forma adequada sentimentos e emoções relacionados na interação do indivíduo com o mundo e com os semelhantes; contribuindo para a resolução de problemas e saber reconhecer, valorizar, expressar e coordenar os afetos em situações-problema.

Segundo Andrade (2007), a dimensão comportamental é a exterioridade observável da conduta e de seus efeitos na contingência específica em que é emitida. Ou seja, refere-se à adequação do comportamento a seu contexto, objetivando um desempenho eficaz das relações, é um saber-fazer.

Já dimensão cognitiva, por sua vez, abrange os processos mentais subjetivos, definida como uma metacognição responsável pela mobilização e integração das habilidades. É um saber pensar o próprio pensamento, modificando-o, caso seja necessário.

Deve-se lembrar que a hipótese principal desta competência sugere que há uma relação entre habilidades sociais, competência social e CIR, pois um educador socialmente hábil tem mais chances de ser competente inter-relacionalmente, já que a dimensão social é uma condição necessária (ainda que não suficiente) para a aparição da CIR de um professor.

As habilidades sociais podem ser consideradas como “conjunto descritivo dos desempenhos apresentados pelo indivíduo diante das demandas de uma situação interpessoal” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2002, p.47).

Por sua vez, a competência social pode ser entendida como a capacidade do indivíduo em apresentar um desempenho que garanta, simultaneamente, a consecução dos objetivos interpessoais, o aumento ou conservação da autoestima e a melhoria ou manutenção da relação interpessoal, considerados os direitos humanos como parâmetros para a interação e a relação (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2002, p.47).

Segundo Andrade (2007), a dimensão social atenta que toda competência tem significados e valores culturais, que dependem dos papéis socialmente atribuídos, está situada num contexto interativo, produzida em relações sociais e avaliada segundo o lugar ocupado pela pessoa competente; o saber expressar-se e relacionar-se são os pontos chaves dessa dimensão.

Assim é necessário que haja uma interação entre as habilidades para que a gestão de conflitos ocorra de forma mais satisfatória. Ora, essa competência não é inata, mas aprendida, tornando-se um saber que pode (e precisa) ser construído, diante das urgentes demandas que interferem na tarefa socializante da escola.

Neste sentido, o professor terá o papel de estabelecer estratégias pedagógicas para que os alunos participem ativamente das atividades educativas, tendo o papel facilitador nas interações sociais e tornando-se um modelo de comportamentos sociais e organizadores de regras de convivências.

Com isso, o professor competente socialmente, fará com que os alunos participem das aulas, fazendo perguntas de sondagem ou desafios, fornecerá *feedbacks*, irá estabelecer contextos educativos, chamará atenção para as normas pré-estabelecidas, estabelecerá sequências de atividades (*Premack*), entre outras ações.

5 ESTUDO SOBRE O PAPEL DOCENTE NA FORMAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA EM CRECHE PÚBLICA

5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de analisar as habilidades sociais educativas de uma docente em contexto de interação com crianças de uma turma de educação, optou-se por realizar uma pesquisa de caráter qualitativo, do tipo estudo de caso, que, segundo Godoy (1995), “se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular” (p.25). Neste trabalho, a investigação visou à análise da prática docente de uma educadora que lecionava nas séries iniciais (mais especificamente na Pré-Escola II).

Esse método de estudo possibilita analisar incessantemente uma unidade em particular, observando como se dá a interação com o meio e com outros indivíduos existentes, objetivando novas descobertas, pois, mesmo que o pesquisador esteja focado em uma teoria, ao observar a prática, haverá uma realidade complexa e que poderá divergir dos esquemas teóricos.

Escolheu-se como campo de estudo uma creche localizada na região central da cidade de João Pessoa-PB, um estabelecimento pequeno que continha seis salas de aula, uma sala de direção, uma cozinha, um refeitório e um pátio, as salas eram pequenas, com mesas e cadeiras adequadas para as crianças.

Participou, como sujeito da pesquisa, uma educadora que lecionava numa creche (à época da pesquisa integrante da rede pública estadual de ensino) a crianças de cinco anos de idade. A docente possuía o curso de magistério e graduação em Letras, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.

Para realizar a coleta de dados foi utilizado um diário de campo; para anotar as observações feitas, uma ficha para avaliar a aparição das HSE; e, entre as idas a campo para as observações, foi feita uma entrevista semidirigida.

Para a realização da entrevista foi elaborado um roteiro com cinco perguntas norteadoras (ver em Apêndice), gravada em áudio e teve a duração de 14 minutos e 53 segundos, com o intuito de inferir quais habilidades sociais educativas apareceriam no discurso da educadora.

Após a realização da entrevista, seguindo os estudos teóricos de Laurence Bardin, (1979), foi feita uma transcrição literal do áudio, pois o acesso aos dados fica cada vez mais próximo ao real e, assim, pode-se analisar com mais acuidade o que foi dito.

Com isso, para atender aos critérios de rigor durante o tratamento de dados estabelecidos pela literatura, utilizaram-se duas etapas para a conclusão da atividade. Em um primeiro momento, fez-se a escuta e digitação de toda a entrevista, levando em consideração todas as entonações de falas gravadas em áudio e fazendo a escuta do áudio diversas vezes, a fim de comprovar se o que estava transcrito se fazia presente no áudio. Após esse momento, fez-se uma revisão do resultado, escutando o áudio e acompanhando o texto para verificar a fidelidade de informações contidas no documento escrito.

Para a realização das transcrições, foi utilizado o *software Express Scribe- NCH Software*². Esse *software* auxiliou a transcrição literal da entrevista, pois podem ser feitas a escuta e a digitação do áudio simultaneamente, facilitando o processo de transcrição, contando com recursos de variação de velocidade do *playback*, de teclas de atalho para realizar diversas funções, entre outros. Suporta diversos tipos de áudio, entre eles: AV, MP3, AU, AIF, VOX, entre outros.

Para análise dos dados, utilizou-se da literatura de Laurence Bardin (1979) e aquela sobre as habilidades sociais e as HSE; a primeira traz como um ponto chave da análise o uso da inferência, pela qual observam os aspectos formais e informais da linguagem. Já a segunda, possibilita fazer um paralelo entre a teoria e a prática observada durante as idas a campo, identificando habilidades em contextos de interação da professora com os alunos da turma.

Para atender as normas éticas foi elaborado um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido – TCLE (ver em anexo), assinado pela professora participante, pela pesquisadora responsável e pelo professor orientador.

² Um software computacional gratuito que pode ser encontrado no site de downloads Baixaki (<http://www.baixaki.com.br/>).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este espaço é destinado a analisar as habilidades sociais educativas da docente participante da pesquisa, à luz dos estudos teóricos, analisando a entrevista feita com a educadora e seu comportamento na interação professora-alunos.

Foram feitas cinco visitas a campo e uma entrevista semidirigida, ocorrendo no período entre 21 de outubro de 2013 a 1º de novembro de 2013; ocorreram no turno da tarde e a turma escolhida tinha duas professoras regentes (uma pela manhã e outra pela tarde) e 18 alunos, sendo frequente a presença de em média oito alunos.

6.2- Observações das Visitas a Campo

1º visita – 21-10-2013

Ao chegar sala de aula a pesquisadora observou que os alunos se encontravam deitados em alguns colchões, dormindo e aos poucos foram despertando.

Quando todos os alunos já estavam acordados e conversando uns com os outros, a professora retirou os colchões e colocou duas mesas e em cada mesa, quatro cadeiras, deixando os alunos livres para sentarem no local que desejassem.

Após esse momento a professora deixou que a pesquisadora e os visitantes³, conversassem com os alunos; sendo assim, deu-se uma conversa informal, entre a pesquisadora, os visitantes e os alunos com o objetivo de conhecer a rotina dos alunos e criar possíveis vínculos entre os nós e os alunos.

A pesquisadora sentou no chão e pediu para os alunos sentarem fazendo um círculo e iniciou uma conversa perguntando como era a rotina deles e todos foram respondendo que era assim: café da manhã → aula com a outra “tia” → parque → almoço → banho → dormir → aula → jantar → brincadeiras. Ao falarem da rotina, os alunos citaram a questão dos conflitos, e disseram que na sala existem dois alunos que gostam de brigas; assim, a pesquisadora perguntou o que eles faziam quando aconteciam as brigas e eles responderam que revidavam, batiam, puxavam o cabelo, apelidaram. Alguns falaram que existia o canto da disciplina e que quando faziam algo errado iam para lá.

³ Colegas da licenciatura que coletavam dados para outra pesquisa.

Após a conversa, a professora pediu que os alunos fossem para as mesas e se sentassem. Entregou uma atividade na folha e pediu que os alunos colocassem o nome da Creche no alto da mesma e colocassem também o nome de cada um; a professora passou nas mesas observando se as instruções dadas estavam sendo cumpridas e após isso se ausentou da sala, deixando os alunos sem auxílio. Pôde-se perceber que os alunos copiavam o que estava escrito no quadro e apenas pintavam os desenhos, sem fazer o que estava proposto na atividade.

Ao voltar recolheu a atividade sem oferecer *feedback*, com isso, os alunos não tiveram como saber se o que tinha feito estava de acordo com o esperado, e provavelmente não teriam como ajustar seu padrão comportamental, caso houvesse necessidade.

Pediu que os alunos fizessem uma fila para poder ir para o refeitório jantar. Após o jantar a professora deixou os alunos livres e não deu instruções sobre como eles deveriam proceder, alguns ficaram sentados nas mesas do refeitório, outros foram ao banheiro e ficaram brincando com água e outros foram para sala. Essa falta de intervenção apresenta-se como um desperdício de tempo, pois a docente não criou estratégias para estimular e acompanhar os alunos em interações conduzidas por eles, deixando-os sem mediação.

Depois de algum tempo a professora mandou todos irem para sala e ao chegar colocou as cadeiras em frente a uma mesa que tinha uma televisão, e ligou a TV em um canal que estava passando o desenho Cocoricó e disse para os alunos ficarem sentados assistindo enquanto esperavam os pais. Essa atividade transcorreu até o final do horário de aula e a chegada dos responsáveis.

2º dia- 23-10-2013

Para este dia estava combinada a realização da entrevista, porém a professora se recusou a fazê-la, afirmando que estava indisposta e pediu para que eu voltasse no dia 25-10-2013.

3º dia- 25-10-2013

Esse dia estava destinado para a realização da entrevista e algumas observações.

Ao chegar os alunos estavam deitados em colchões e dormindo, assim a professora pediu para iniciarmos a entrevista e pediu também para que eu fizesse as perguntas a ela para

primeiro responder no papel e depois gravar o áudio, eu informei que seria uma conversa e que todas as perguntas só poderiam ser feitas no decorrer da entrevista.

Ao iniciar, a professora não olhava para a entrevistadora, ficou segurando um papel e um lápis e pareceu se mostrar constrangida, pois a cada pergunta respondida, ela fazia um gesto (cruzando as mãos uma sobre a outra em movimento horizontal do centro para os lados esquerdo, com a mão esquerda, e direito, com a mão direita), informando que tinha terminado; por diversas vezes ela apresentou ar de riso e ar de preocupação para saber se a gravação estava ocorrendo da forma adequada, isso se apresentou nas vezes em que alguém aparecia e ela fazia, para essas pessoas, um gesto de silêncio (antepondo aos lábios o dedo indicador direito alongado, com os outros dedos fletidos para a palma da mão fechada). Durante a entrevista, ela se interrompeu diversas vezes, sempre após a ocorrência de sons de vozes e portas se abrindo em outro local. Na sequência de perguntas, durante a entrevista, fez expressões faciais indicando impaciência com a continuidade da entrevista (por exemplo, franzindo a musculatura da testa e das sobrancelhas de modo a sugerir experimentar aversão à interação com a pesquisadora). A entrevista durou 14 minutos e 57 segundos.

Após a entrevista os alunos já estavam acordados e a professora recolheu os colchões e pediu para eles fazerem uma fila e se dirigirem ao refeitório a fim de lanchar. Durante o lanche a professora ficou na sala recolhendo os colchões e arrumando as mesas e cadeiras.

Com a sala já organizada a professora foi ao refeitório e pediu para os alunos irem para a sala; quando todos chegaram à sala, ela pediu que os alunos tirassem as sandálias e colocassem no local indicado e fizessem uma fila para irem ao parque.

Ao chegar ao parque, havia alunos de séries menores e algumas professoras. A professora os deixou no parque e afirmou que era para eles se comportarem, porém falou isso alterando a voz, elevando significativamente o volume, e se ausentou do parque.

Depois de algum tempo a professora voltou ao local, viu se os meninos estavam quietos e se ausentou novamente.

Ao retornar pela segunda vez, a professora viu que um aluno pegou o brinquedo do outro e o colocou na bolsa sem pedir permissão, então ela perguntou o porquê daquela atitude e o aluno respondeu: “porque sim” e a professora só disse que não podia sem explicar o motivo. Ao iniciar a solicitação de mudança de comportamento, percebe-se que há uma distorção entre o que está proposto na literatura e a realidade observada, pois segundo Del Prette e Del Prette (1999) a solicitação de mudança deve ser feita através de quatro passos –

descrever o comportamento inadequado, expressar o desagrado causado, especificar o comportamento adequado e por fim mencionar as possíveis consequências de mudança –; no entanto, a educadora não utilizou os quatro passos, não havendo o efeito esperado. Outro equívoco foi a forma que ela fez a pergunta, pois utilizou o “por quê”, e para crianças nesta idade, esta pergunta é muito abstrata, não obtendo resposta adequada.

Observou-se também que a educadora não reapresentou as regras sociais, com isso infere-se a falta de habilidades de civilidade.

Pediu que os alunos formassem uma fila e se dirigissem para o refeitório e após o jantar encaminhou todos para a sala de aula. Neste momento, a pesquisadora ausentou-se da creche.

4º visita- 30-10-2013

Ao chegar à sala, a pesquisadora observou que a professora estava organizando a sala: distribuiu no centro da sala duas mesas e em cada mesa colocou quatro cadeiras e separou os alunos, determinando onde cada um iria sentar.

Após esse momento entregou gibis da Turma da Mônica para aos alunos e não deu instruções sobre o que deveria ser feito. Penteou os cabelos dos alunos. Uma aluna puxou o gibi da mão da outra e a professora não interveio. Depois de alguns minutos, pediu para que uma aluna recolhesse os gibis.

A professora juntou as duas mesas, formando um grande grupo, pediu para que os alunos ficassem em pé, recitou com eles a oração do Pai-Nosso, cantou sozinha uma música (sem acompanhamento das crianças), pediu para que eles se sentassem (no que foi atendida por todos) e iniciou uma conversa para saber o que eles tinham aprendido na parte da manhã (querendo saber o que eles tinham aprendido sobre o calendário). Num determinado momento, perguntou em que dia, mês e ano estavam. Os alunos permaneceram em silêncio. Então, ela recapitulou a exposição da aula anterior sobre os conceitos de dia, ano e mês, porém percebe-se uma inadequação de conteúdo, pois, são requeridos domínios cognitivos abstratos, que vão além do que as crianças nesta idade conseguem desenvolver. Enquanto a professora expunha, as crianças olhavam para ela vez por outra, sem demonstrar interesse.

A aula do dia tinha como conteúdo a consoante N, para introduzir o assunto ela colocou no quadro uma imagem com um navio e ao lado o padrão silábico da consoante N e fez perguntas sobre que desenho era aquele (algumas crianças responderam “navio”, outras

“barco”) e leu a família silábica; após esse momento colou no quadro as diferentes formas da letra N (maiúscula, minúscula, bastão e manuscrita). Leu um texto sobre as curiosidades do Navio (enquanto isso algumas a ouviam, outras conversaram paralelamente), fez uma breve interpretação, perguntando se eles já sabiam do que ela tinha lido. Os alunos nada disseram

Em um aparelho de som, com um CD, ela fez reproduzir uma música sobre a letra N; enquanto os alunos estavam sentados na mesa escutando a música, a professora colou um cartaz no quadro, esse cartaz tinha escrito em letras grandes a música que estava sendo escutada.

Após ler a música e cantar junto com os alunos, a professora solicitou que cada criança por vez viesse ao quadro e circulasse no cartaz as letras N que apareceram; todas as vezes que os alunos acertavam ela dizia palavras de incentivo, como: “muito bem, parabéns, você é dez...” e quando eles não acertavam, ela perguntava se eles tinham certeza, mandava olhar o texto novamente, mostrava qual era a forma da letra N e pedia que eles procurassem novamente a letra.

Os alunos riram de uma aluna que errou na hora de circular a letra N, e a professora pediu para que todos parassem e ameaçou dizendo que quem não parasse ia para o canto da disciplina, mas não explicou o comportamento indesejado. As crianças pararam de rir.

A professora entregou uma atividade xerografada e explicou que os alunos deveriam colocar o nome da creche e o nome no topo da folha, mas não deu informações sobre o que era pra fazer na atividade; os alunos, por sua vez, viram uma imagem e a pintaram.

Enquanto os alunos executavam a atividade, a professora colocou músicas infantis e se ausentou da sala.

Ao retornar a sala, olhou se os alunos estavam fazendo e para os alunos que não sabiam escrever o nome, ela entregou uma ficha com o nome completo e pediu que eles copiassem.

Uma aluna apresentou comportamentos egocêntrico, pois não quis dividir os lápis de cor, a professora apenas pediu para que ela parasse de “moído”, com isso percebe-se que a educadora não apresenta uma conduta assertiva, fazendo com que os alunos não tenham um modelo em quem se espelhe.

À medida que os alunos iam terminando a atividade, a professora ia olhando e indicando o que, em relação ao cabeçalho e ao nome, deveria ser modificado, indicando como era a forma correta.

Solicitou que os alunos colocassem a atividade em baixo do pote de lápis de cor e fizessem a fila para ir jantar. Neste momento, a pesquisadora retirou-se da escola.

5º visita- 01-11-2013

Ao chegar, a pesquisadora percebeu que os alunos estavam sentados às mesas, uma mesa de meninos e uma de meninas.

A professora entregou uma atividade sobre a letra N (numa folha de papel, apresentava-se a imagem de um nariz e a família silábica do N, com a letra N em várias formas), fez perguntas sobre o que eles estavam vendo (os alunos responderam corretamente, “nariz”), falou sobre a letra N e leu a palavra “nariz”; informou que começava com a letra N, então pediu que eles circulassem a letra N da palavra Nariz. As crianças fizeram como pedido.

Após a explicação, a professora se retirou da sala; ao voltar, entregou as fichas com os nomes e pediu que os alunos reproduzissem no topo da folha de papel os respectivos nomes próprios.

A professora tratou uma aluna de forma ríspida, mandando-a “se orientar” e fazer as “coisas” direito.

Sentou-se à mesa que estavam quatro meninos e ajudou-os, indicando o local de colocar o nome e como fazer a atividade, mostrando as palavras que tinham a letra N.

Informou que só iria brincar quem terminasse a atividade. Os alunos permaneceram fazendo-a

A professora pediu que os alunos juntassem os lápis e os colocassem na mesa dela. Os alunos assim o fizeram.

Pediu que eles fizessem uma fila, e encaminhou-os para o pátio. Eles obedeceram. Em seguida, levou-os ao pátio, onde estavam dois pesquisadores de outra investigação (Mendes e Tinto, 2014), que conduziram atividades lúdicas nessa tarde.

A professora permaneceu no pátio, sentada, saindo e retornando algumas vezes; numa das ocasiões em que estava no pátio, dirigiu-se a uma menina que estava chorando e disse

para ela parar e explicou que “no jogo é assim, uma vez ganha, outra vez perde”. A criança parou de chorar, continuou sentada sem brincar, de cabeça baixa.

Após algum tempo de atividades lúdicas, a gestora chamou os alunos para jantarem e eles foram sem a supervisão da professora, correndo e brincando; ao chegar ao refeitório, sentaram-se às mesas e a professora sentou com eles. Neste momento, a pesquisadora retirou-se da creche.

À vista das observações percebeu-se que as interações entre professor-aluno não ocorreram com a frequência esperada pela teoria, pois por diversas vezes os alunos ficaram “livres”, sem supervisão/intervenção da educadora. Segundo a teoria estudada, o professor deverá ser o mediador das situações ocorridas nos ambientes formais e informais da escola. E deve ser um modelo para as crianças, pois a infância é um momento fundamental, na construção de comportamentos hábeis.

Essa falta de interação ocasionava situações de conflitos e falta de disciplina e regras; essas situações são bem ilustradas nos momentos das brincadeiras, pois as crianças apresentaram comportamentos agressivos e falta das habilidades de empatia, de respeito às regras, entre outras - o que foi estudado por Tinto e Mendes (2014), na mesma ocasião desta pesquisa.

6.2-Análise da Entrevista

A entrevista ocorreu após a primeira das cinco observações, o que provavelmente provocou uma mudança transitória de comportamento por parte da entrevistada: no dia após a entrevista observou-se que a educadora apresentou comportamentos próximos ao que ela falara, e nos dias subsequentes não foi observado o mesmo comportamento.

Com citado anteriormente, a entrevista realizada teve perguntas norteadoras, que serão apresentadas e analisadas a seguir.

Ao iniciar, a entrevistadora pediu “*Professora para você o que é e como é ser professora da Educação Infantil?*”. E a educadora respondeu “*Bom, ser professor da educação infantil... É amar e gostar principalmente daquilo que faz.*” Ao responder ficou evidente que houve uma construção do pensamento (perceptível nas reticências), e pode-se inferir que a docente via o exercício profissional marcado por uma visão romântica.

Isso ficou aparente, pois logo após, ela afirmou que esse amar e gostar, “*vai além dos conteúdos, vai além de você se formar, ser professora, primeiramente você tem que se identificar com aquilo que faz.*” Infere-se uma desvalorização profissional, pois são colocados sentimentos sobrepostos aos conhecimentos formais para a profissão docente, ilustrado no fragmento: “*o professor tem o papel não apenas de... Educar no sentido... cognitivo... mas... principalmente no sentido afetivo*”. Observa-se também uma cisão entre o afeto e a cognição,

No discurso da educadora há uma grande valorização do afeto, porém há uma contradição, pois se percebe que o seu foco dela não é afetivo, mas o cognitivo, isso pode ser ilustrado pela fala abaixo:

Bem, com relação à linguagem escrita e linguagem oral à tarde, geralmente, quando introduzimos uma, uma consoante trabalhamos não só a letra em si, mas através de histórias que envolvam aquela letra, com personagens que envolvam aquela letra, (pausa) então todo esse processo que englobe é... Todas as habilidades, que venham desenvolver todas as habilidades, então à tarde nós programamos, planejamos a manhã e à tarde, a professora da manhã com a professora da tarde, a gente sempre se planejam, os conteúdos a serem trabalhados; então, no mesmo dia, por exemplo, segunda-feira ela trabalha um conteúdo pela manhã, à tarde eu trabalho o mesmo conteúdo sendo que de forma dif.. Diversificada, ou seja, as atividades vão ser diferentes, conteúdo o mesmo, porém as atividades diferentes.

Com isso, infere-se que a educadora provavelmente busca fazer um trabalho em conjunto com a professora do horário oposto, estabelecendo uma fixação dos conteúdos, e ao falar sobre suas aulas, a educadora menciona que “*trabalha com histórias*”: a fim de saber como se dá esse processo, a entrevistadora questionou esse método e ela afirmou que apresentava cartazes, que os alunos participavam da história, que recriavam o desfecho, recontando a história, e no final faziam uma atividade de desenho e pintura.

Contrastando essa fala com os dados da observação, não há evidências que comprovem a presença de sequências didáticas, tal como está indicada na fala da professora.

Ao ser indagada sobre como organiza os alunos para participar das atividades, a educadora não responde de forma satisfatória, desviando o foco da resposta para a organização de um projeto ocorrido na escola, fazendo um paralelo com as observações, percebe-se que a organização da sala geralmente é feita de forma aleatória; porém, uma vez- no dia 30-10-2013- ela determinou o local em que cada criança ia sentar e em outra vez- no dia 01-11-2013- ao chegar em sala a pesquisadora, percebeu que as mesas já estavam organizadas, em uma estavam as meninas e na outra os meninos. Assim, infere-se que a

habilidade de arranjar ambiente físico fica sutilmente evidente, porém não há uma frequência adequada de alternância.

Ao ser questionada sobre o comportamento social dos alunos a professora responde: “*com relação ao comportamento, como é a turma de Pré dois, eles já estão cansados de passarem o dia, vários anos na creche, então assim, de certa forma é um pouco estressante*”. Por não compreender o que seria “estressante” a pesquisadora questionou “*você disse que é um pouco estressante, como assim?*” e ela respondeu “*Não é que o aluno é estressante, é que é, o dia a dia deles, vários anos na creche, dia todo...*”: com essa fala infere-se que para a educadora possivelmente era “estressante” ter os alunos em sala de aula, o dia todo, pois, ela responde a pergunta colocando os alunos como foco, desviando-se da pergunta anterior.

Durante a entrevista a professora afirmou que os alunos eram “agitados”, porém conseguia controlar a situação através de atividades, alegando que eles “*brincam, pulam, se desgastam bastante*”. No entanto, ao relacionar com a prática observada, esta pesquisadora não identificou atividades que promovessem esse controle: os alunos na maioria das vezes faziam atividades escritas e de pintura e iam para o pátio da escola, onde ficavam livres, sem que a educadora orientasse as interações e as brincadeiras realizadas.

No que se refere ao comportamento dos alunos, a educadora disse:

Entre eles muitas vezes, como toda criança, toda criança briga, arenga, se machuca, né? bate no colega então assim, eles tem essas atitudes que são normais, porém assim se dão bastante bem um com os outros.

Com essa fala observa-se que a educadora fazia um pedido de confirmação ao usar o termo (né?), e achava aceitável as crianças agirem assim, pois afirmou que essas práticas faziam parte do “*desenvolvimento deles*”.

E quando se referiu aos comportamentos indesejados, a educadora assegurava que era necessário “*ter bastante paciência, ter bastante paciência! E só na hora mesmo que a gente sabe como agir*”, ou seja, ela não conseguiu expressar como agia diante dessas situações.

Ao se expressar como é a relação entre ela e seus alunos, disse:

Bem, a minha relação com eles é uma relação bastante carinhosa, num é assim que a gente vai, que a gente é... Tá todo tempo abraçando, beijando é, passando a mão neles não! No sentido de... Não. A nossa relação é construída através do respeito, onde o professor, ele impõe o respeito diante os alunos, porém ele não é aquele professor chato que vai tá toda hora passando carão neles, reclamando, não! Certo? Então é uma relação de amizade.

Com esse fragmento, podemos observar uma construção confusa do pensamento; porém, a professora explicita ter afetividade com seus alunos, afirmando uma relação de amizade: ora, fazendo uma ponte entre o discurso e a prática, essa afetividade (positiva) não é tão presente como dito, pois na maioria das vezes é observada uma afetividade negativa, tratando os alunos de forma ríspida, dizendo: “*deixe de moído*”, e pedindo para uma aluna “*se orientar*” e fazer as “*coisas*” direito.

À vista de tudo que foi exposto, percebe-se que a educadora aqui analisada, apresentou baixo índice de HSE, demonstrando raros comportamentos social e educativamente hábeis em algumas situações; algumas vezes trazia sequências didáticas, organizava materiais lúdicos que chamava a atenção dos alunos, conversava sobre o que foi aprendido nas aulas anteriores, entre outras aparições.

Porém, não foram observados comportamentos hábeis em algumas situações, entre elas o pedido para a mudança de comportamentos inadequados, pois, ela utilizava uma forma que não concorda com a teoria estudada, não há uma reapresentação das regras sociais, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso procurou fazer uma revisão teórica sobre a Teoria das Habilidades Sociais, as Habilidades Sociais Educativas; logo após foi feito um paralelo entre o discurso e a prática pedagógica de uma professora da Educação Infantil de uma creche em João Pessoa- PB, observando a influência de sua conduta sobre a formação de habilidades sociais na infância, para também identificar se a docente em estudo possuía as HSE necessárias para o exercício profissional e o fomento das HSi de seus alunos.

Segundo a THS, podemos entender que tais habilidades se manifestam em situações cotidianas que dependem do contexto em que o indivíduo está inserido e são responsáveis pelo bom relacionamento interpessoal, pois através delas o indivíduo terá capacidade de afirmar seus direitos sem ferir o direito do outro.

O estudo aqui feito teve como foco as Habilidades Sociais Educativas docentes, que segundo a teoria estudada, podem ser entendidas como habilidades que visam o desenvolvimento e a aprendizagem do outro em contextos formais e informais.

Para coleta de dados, foram utilizadas observações da prática de uma educadora e uma entrevista semidirigida; com isso, observou-se uma convergência entre o que foi proferido na entrevista e a prática em sala de aula, já que ao ser solicitada a ceder uma entrevista, ela já teve uma postura não assertiva, se sentindo intimidada e indisposta e em sua prática esse comportamento se repetiu, porém em seu discurso, afirma ter comportamentos que propiciará o desenvolvimento de habilidades sociais na infância.

Percebe-se que a conduta da educadora tomada como objeto de estudo não apresentava comportamentos hábeis ou tinha significativamente habilidades sociais educativas docentes; porém, segundo a teoria das habilidades sociais, para um sujeito ser hábil socialmente, é necessário que haja uma integração das habilidades, que elas devem se manifestar em conjunto com outras habilidades. Ora, isto não foi representativamente identificado, nem na observação, nem na entrevista.

Logo, a professora em análise provavelmente não era hábil socialmente e isso contribuiu para que, por dedução, seus alunos não aprendessem ou aprimorassem as HS, pois

não havia um modelo social adequado para tais habilidades na sala de aula, isso fica evidente pois na maioria das vezes os alunos apresentavam comportamentos inábeis.

Neste sentido, acredita-se que o insignificante índice de HS e HSE deve-se, entre outros fatores, à falta de formação dessas habilidades na preparação inicial docente; não há nenhum estudo sobre a temática e isso torna-se preocupante, na medida em que os professores socialmente inábeis tendem a propagar uma cultura de comportamentos egoístas e que não favorecem as interações sociais.

Com esta pesquisa buscou-se desenvolver uma discussão sobre a temática, enfatizando a importância desta no âmbito educacional, no sentido de ampliar os conhecimentos da área e sobre a necessidade de integralizar essa área nos currículos de formação de professores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. C. B. de. **Ser uma lição permanente**: psicodinâmica da competência inter-relacional do(a) educador(a) na gestão de conflitos e na prevenção da violência na escola. João Pessoa: UFPB, 2007, 210p. Tese (Doutorado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007b.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais**: vivências para o trabalho em grupo. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância**: teoria e prática. 3 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

_____. **Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas**. *Paidéia* (Ribeirão Preto). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2008000300008&lng=en&nrm=iso>. 2008, vol.18, n.41, pp. 517-530. ISSN 0103-863X. Acesso em: fevereiro de 2014.

_____. **Psicologia das Habilidades Sociais**: terapia e educação. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MANOLIO, C. L. **Habilidades sociais educativas na interação professor aluno**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2008.

SILVA, E.J.T. da; MENDES, K.T.L.C. **Aprendizagem de habilidades sociais na infância através de interações lúdicas entre iguais durante o recreio em escola de educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2014.

APÊNDICE

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Conte-me sobre como é seu dia-a-dia na Creche?

Com esta pergunta, pretende-se que a entrevistada aborde aspectos gerais sobre o dia a dia da educadora, e servirá como um momento, no qual a entrevistada se sentirá mais a vontade de se expressar.

Como são suas aulas?

Com esta pergunta, pretende-se que a entrevistada trate das habilidades das quatro categorias propostas por Del Prette e Del Prette, 2008, sobretudo as habilidades da categoria: *transmitir ou expor conteúdos sobre habilidades sociais*.

Como você organiza sua sala de aula?

Com esta pergunta, pretende-se que a entrevistada trate das habilidades da categoria *estabelecer contextos interativos potencialmente educativos*.

- ✓ Que atividades você planeja envolvendo seus alunos?
- ✓ Me conte um dia de atividades? todo dia é assim?
- ✓ Como se dá a organização das carteiras?

Como, em geral, é o comportamento dos alunos?

Com esta pergunta, pretende-se que a entrevistada considere as habilidades da categoria, *estabelecer limites e disciplina*.

- ✓ Como os seus alunos aprendem regras na sala de aula?
- ✓ Como você age diante de um comportamento indesejado ou de situações em que há conflito?

Como é a sua relação com seus alunos?

Com esta pergunta, pretende-se que a entrevistada fale de modo a que sejam avaliadas suas habilidades da categoria *monitorar positivamente*.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

Prezada Senhora,

Esta pesquisa é sobre o papel do professor no desenvolvimento, no espaço escolar, das habilidades sociais na infância e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Marília Gabriela da Silva, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Professor Doutor Fernando César Bezerra de Andrade.

O objetivo do estudo é observar se e como a educadora da creche pode promover o desenvolvimento de habilidades sociais na infância nos momentos de interações entre professor-aluno e aluno-aluno.

A finalidade deste trabalho é produzir conhecimento científico na área de Habilidades Sociais, contribuir positivamente com a prática docente da Creche, pois após a pesquisa, fará uma devolutiva, a fim de que o corpo docente aperfeiçoem suas práticas, levando em consideração as análises feitas e com isso haverá também um benefício indireto para as crianças, tendo em vista que as Habilidades Sociais são aprendidas de forma vicariante. E por fim, contribuirá positivamente para a formação acadêmica da pesquisadora.

Solicitamos a sua colaboração para uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar no trabalho de conclusão de curso. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde ou para a sua integridade física e moral.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Contato com a Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora: Marília Gabriela da Silva, residente na rua Dr. José Maia, 195, funcionários 1. Telefone: 83-9655-3607/ 83-8843-8050/ 83-3234-6843

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I Bloco Arnaldo Tavares, sala 812 – Fone: (83) 3216-7791.

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Orientador

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE.